



**Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)**

Memória, cultura e sociedade



Atena
Editora
Ano 2021



Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)

Memória, cultura e sociedade



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M533 Memória, cultura e sociedade / Organizadores Joaquim dos Santos, José Italo Bezerra Viana. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-134-0

DOI 10.22533/at.ed.340213105

1. Sociedade. 2. Cultura. I. Santos, Joaquim dos (Organizador). II. Viana, José Italo Bezerra (Organizador). III. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Este livro é uma demonstração da fecunda e complexa experiência humana em diferentes tempos e espaços, vista aqui pelo prisma do tripé *Memória, Cultura e Sociedade*, novelo que dá título à obra. Numa perspectiva interdisciplinar, as atitudes narrativas constitutivas do seu corpo discursivo elucidam a cultura numa abordagem ampla, como um conjunto de relações humanas, em suas formas materiais e imateriais, o que desnuda a diversidade cultural presente nos temas dissertados.

Seguindo esse horizonte, são abordadas as relações entre indivíduo e sociedade, bem como entre mudanças e continuidades postas na paisagem social, cultural e histórica. A sociedade é apresentada como uma construção histórica numa simbiose de um todo conectado, no qual as pessoas vivem. Assim, modos e construção de relações, combinação de instituições, normas e formas de organização social integram esse novelo. Nesse direcionamento, a memória é apresentada como uma construção humana, individual e social, portanto, também histórica.

Ao longo dos vinte e seis capítulos que integram o livro, uma diversidade de temas e recortes são elencados, abordando as relações entre memória e identidade e colocando em cena seus processos de construção, afirmação e resistências. Nestes termos, a dimensão histórica da memória é apresentada e refletida nas cidades e em suas paisagens, bem como nas reflexões sobre espaços, natureza, trabalho, instituições, territorialização e culturas.

As linguagens a partir das quais as memórias, as culturas e sociedades são postas e problematizadas também ganham corpo, materialidade e densidade discursiva. Nesse sentido, as importantes reflexões a respeito de imagens, teatros, músicas, literatura e objetos são postas em relevo. Outrossim, ganha destaque o debate sobre cultura material mediante as historicidades e danações dos museus e de seus visitantes, revelando ainda as mediações entre a cultura material e os processos histórico-sociais.

O cenário político presente nas disputas por memórias, culturas, identidades e sociedades também não fica de fora. Desse modo, a perspectiva decolonial situa uma postura ética e política de enfrentamento das “colonizações” sobre corpos e ideias, demonstrando que é necessário descolonizar o pensamento e a vida social. Além de tudo isso, o ponto de intersecção entre ensino, pesquisa e extensão universitárias lança luz para processos formativos diversos e plurais nas quais as diversidades ganham materialidade e ressonâncias.

As histórias que este livro conta incluem a diversidade como marca essencial para que possamos nos (re)produzir como cultura humana. Simboliza as circunstâncias de constituição da sociedade através da preservação e transmissão da memória, dando sentido a formas distintas de saber, de aprender e de ensinar a respeito dos ritmos que produzem a cadência do baile da vida.

Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A MEMÓRIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Rosali Henriques

DOI 10.22533/at.ed.3402131051

CAPÍTULO 2..... 12

ICONOLOGIA DE SÃO BENEDITO E O ATRIBUTO DA ABÓBORA: EDUCAÇÃO, ARTE E SINCRETISMO NA REGIÃO AURÍFERA DE MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII

Luiz Fernando Conde Sangenis

Ketley Flor Soares Bially

DOI 10.22533/at.ed.3402131052

CAPÍTULO 3..... 23

VERTICALIZAÇÃO À FRANCESA NO RIO DE JANEIRO: O CASO DO EDIFÍCIO TAMANDARÉ

Denise Vianna Nunes

Lívia Paiva Colonese

DOI 10.22533/at.ed.3402131053

CAPÍTULO 4..... 38

JARDIM CEARÁ: O PADRE MIGUEL COELHO DE SÁ BARRETO E A FESTA SOCIORRELIGIOSA DA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX

Maria Jorge dos Santos Leite

Manoel Joaquim Leite Neto

DOI 10.22533/at.ed.3402131054

CAPÍTULO 5..... 50

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS DO ÁLBUM ILLUSTRADO DE GOYANNA: 1921-2021

Angela Ninfa Mendes de Andrade Cabral

José Bartolomeu dos Santos Júnior

Eliton Leandro de Oliveira Pereira

DOI 10.22533/at.ed.3402131055

CAPÍTULO 6..... 63

O PASSADO DA IMPRENSA BRASILEIRA: O RESGATE DA MEMÓRIA DA REVISTA “INTERVALO” ATRAVÉS DA METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL

Talita Souza Magnolo

DOI 10.22533/at.ed.3402131056

CAPÍTULO 7..... 79

A MEMÓRIA DA CENA TEATRAL CARIOCA NA DÉCADA DE 1970

Ana Paula Dessupoio Chaves

Talita Souza Magnolo

DOI 10.22533/at.ed.3402131057

CAPÍTULO 8	92
ESTÉTICA E METALINGUAGEM EM PASÁRGADA Vitor Hugo da Silva DOI 10.22533/at.ed.3402131058	
CAPÍTULO 9	103
DO “STATUS” AO STRESS: UMA ANÁLISE DO CONTO DE LÍLIA MOMPLÉ Maria Aparecida Nascimento de Almeida DOI 10.22533/at.ed.3402131059	
CAPÍTULO 10	117
O CONSUMO DE REGGAETON ANTES E DEPOIS DE DESPACITO PELOS BRASILEIROS Danilo Espindola Catalano DOI 10.22533/at.ed.34021310510	
CAPÍTULO 11	129
ENTRE A CASA E A RUA: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O ÓCIO EM TEMPOS DE COVID-19 Rosana Eduardo da Silva Leal DOI 10.22533/at.ed.34021310511	
CAPÍTULO 12	142
CALDAS NOVAS-GO: TRADIÇÃO E IDENTIDADE NA TRANSIÇÃO DO USO DAS ÁGUAS TERMAIS PARA CURA E SUA APROPRIAÇÃO PELOS EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS PARA O LAZER E ENTRETENIMENTO Sheila Cristina Endres Palmerston Hamilton Afonso de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.34021310512	
CAPÍTULO 13	155
A DEMOCRATIZAÇÃO DO MUSEU PARA O VISITANTE Ana Fabiola Correia da Costa DOI 10.22533/at.ed.34021310513	
CAPÍTULO 14	168
COLEÇÃO E MUSEALIDADE: O MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS EM FOCO José Paulo Siefert Brahm Márcia Della Flora Cortes Diego Lemos Ribeiro Juliane Conceição Primon Serres João Fernando Igansi Nunes DOI 10.22533/at.ed.34021310514	
CAPÍTULO 15	182
CRECHES COMUNITÁRIAS DE UBERLÂNDIA: UMA MARCA DA MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE DO SÉCULO XX Vinicius Silva DOI 10.22533/at.ed.34021310515	

CAPÍTULO 16	191
MOVIMENTO DECOLONIAL, FORMAÇÃO DOCENTE E HUMANIDADES: TESSITURAS POSSÍVEIS	
Katia Gonçalves Castor	
Jalber Boa Camilo	
Marcela Fraga Gonçalves Campos	
Juliana Nunes Novaes	
DOI 10.22533/at.ed.34021310516	
CAPÍTULO 17	206
RESISTÊNCIA E PRESERVAÇÃO DO TAMBOR DE CRIOLA NO BAIRRO CAMPINHO EM BACURI-MA: TRAÇANDO UMA HISTÓRIOGRAFIA	
Verônica Maria de Moraes Alexandre Santana	
DOI 10.22533/at.ed.34021310517	
CAPÍTULO 18	216
O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO LOCAL DE REFUGIADOS POR MEIO DA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO	
Álvaro Luiz da Silva Santos	
Thalita Franciely de Melo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34021310518	
CAPÍTULO 19	235
PAISAGEM CULTURAL E TERRITORIALIZAÇÃO DO CORPO: O CASO DA VILA CASONI, LONDRINA (PR)	
Caroline Santos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34021310519	
CAPÍTULO 20	242
POPULAÇÃO IDOSA E INDÍGENA NO PROCESSO MODERNO: TRADIÇÃO E ADAPTAÇÃO	
Aline Rocha Amaral	
Raine Clavisso Pereira	
Fábio Rodrigues da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.34021310520	
CAPÍTULO 21	250
ENTRE O RIO E A MATA: O ESPAÇO TERRITORIAL COMO REFERENTE IDENTITÁRIO E CULTURAL EM UM POVOADO DA AMAZÔNIA TOCANTINA SÍMBOLO DE PODER FEMININO	
Mix de Leão Moia	
Francisco Wagner Urbano	
DOI 10.22533/at.ed.34021310521	

CAPÍTULO 22.....	258
FORMAÇÃO DOCENTE E SEXUALIDADE: AÇÃO EXTENSIONISTA NO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA SABERES INDISPENSÁVEIS PARA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL E CONTINUADA	
Gislene Lisboa de Oliveira	
Valéria Soares de Lima	
Lilian Cristina dos Santos	
Gabriel Soares Sena	
DOI 10.22533/at.ed.34021310522	
CAPÍTULO 23.....	272
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA COM A POESIA	
Gustavo Avelino da Silva	
Ana Cristina Fernandes Pereira Wolff	
Carina Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34021310523	
CAPÍTULO 24.....	281
A AMEAÇA DO ANIMALESKO ANTE A HUMANIDADE: UMA LEITURA DE CEM ANOS DE SOLIDÃO SOB A LUZ DA FILOSOFIA DE ADORNO E HORKHEIMER	
Lorena Gonçalves Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34021310524	
CAPÍTULO 25.....	286
NUTRIARTES: UM PROJETO DE EXTENSÃO	
Ana Luiza Araujo Rocha	
Luis Gustavo Alves Monteiro	
Nathália Nascimento Fernandes Franco	
Mellissa Yumi Ferreira Kawamoto	
Pedro Eduardo Ochoa Michelin	
Juliana Pulsena Cunha	
Glaucia Carielo Lima	
DOI 10.22533/at.ed.34021310525	
CAPÍTULO 26.....	292
OFICINA DE BERIMBAU: CULTURA E AFRICANIDADES	
Jackson dos Reis Novais	
DOI 10.22533/at.ed.34021310526	
SOBRE OS ORGANIZADORES	296
ÍNDICE REMISSIVO.....	297

CRECHES COMUNITÁRIAS DE UBERLÂNDIA: UMA MARCA DA MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE DO SÉCULO XX

Data de aceite: 21/05/2021

Data de submissão: 08/03/2021

Vinicius Silva

Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia - Minas Gerais

<http://orcid.org/0000-0002-5449-2181>

Outras versões deste artigo compuseram o conjunto de trabalhos do VII Encontro Maranhense de História da Educação, ocorrido no ano de 2014, na cidade de São Luís, bem como o do X Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação de Minas Gerais, ocorrido em 2019, no município de Diamantina.

RESUMO: A Historiografia da Educação Infantil tem mostrado que, na Idade Moderna, houve uma mudança significativa no tratamento dispensado às crianças e às infâncias, as quais, aos poucos, tornaram-se um dos centros das pautas das sociedades. Dentre essas mudanças, está a institucionalização da educação desses sujeitos, a tal ponto de, segundo Ariès (1981), o *ser aluno* determinar o *ser criança*. No Brasil, essa (re)significação da criança é produtora e fruto da modernização do país e da democracia participativa. Para compreender esta relação, as creches comunitárias de Uberlândia foram escolhidas como objeto de estudo, em uma perspectiva cosmopolita, pois sua história, segundo Ferreira (2010), evidencia o quanto a participação popular contribuiu para a perspectiva escolar que vigora, no município e no país, neste

contexto educativo.

PALAVRAS - CHAVE: História da Educação. Infância. Participação popular.

COMMUNITY NURSERIES IN UBERLÂNDIA: A MARK OF THE MODERNIZATION OF 20TH CENTURY SOCIETY

ABSTRACT: The Historiography of Early Childhood Education has shown that, in the Modern Age, there was a significant change in the treatment given to children and childhoods, which, gradually, became one of the centers of societies' agendas. Among these changes, is the institutionalization of the education of these subjects, to the point that, according to Ariès (1981), the *being a student* to determine the *being a child*. In Brazil, this (re)meaning of the child is a producer and fruit of the modernization of the country and participatory democracy. To understand this relationship, the community nurseries of Uberlândia were chosen as the object of study, from a cosmopolitan perspective, because its history, according to Ferreira (2010), shows how popular participation contributed to the school perspective that prevails, in the municipality and in the country, in this educational context.

KEYWORDS: History of Education. Childhood. Popular participation.

1 | INTRODUÇÃO

De acordo com Ferreira (2010), a terminologia de *creches comunitárias* agrupa uma série de instituições que não existem mais

em termos de organização administrativo-pedagógica, e, também, algumas que perseveraram nesses e em outros sentidos. Todas essas, em uma considerável percentagem, partilham de uma característica: têm ou tiveram, em algum momento, a referência do nome de algum bairro no nome da instituição; geralmente, o nome do bairro em que estava localizada. Todavia, embora essa referência indique um lugar, ela se dirige mais para uma questão de posse, isto é, o grifo ao nome do bairro não indica somente onde que as instituições educativas estavam/estão inseridas, mas, e principalmente, a quem estas instituições, a nível coletivo, pertencem. Essa assertiva se confirma com a historicidade das creches comunitárias, de modo geral, e das situadas em Uberlândia, de modo específico, pois a própria nomenclatura atribuída a tais instituições educativas carrega marcas de uma modernização da sociedade brasileira, como, por exemplo, a participação, decisiva e explícita, popular.

2 I INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS E DEMOCRACIA PARTICIPATIVA

As creches, enquanto instituição, segundo nos mostram os recentes estudos da historiográficos de Kuhlmann Júnior (2005), Oliveira (2002), Farias (2005), dentre outros, apesar de terem suas práticas, ao longo do tempo e por conta das suas necessidades de criação, voltadas para o campo assistencialista, foram imprescindíveis para o desenvolvimento da educação infantil como uma instituição educativa de direito da criança, de dever do Estado, e de opção da família, que é a perspectiva democrática que reina até o presente momento de elaboração deste texto.

Associando os estudos de Oliveira (2002) e de Kuhlmann Jr. (2005), torna-se evidente que o desenvolvimento das creches brasileiras não muito se difere do desenvolvimento destas instituições no contexto europeu: instituições que surgiram diante de necessidades dos adultos, frente a uma mudança político-econômico-social, muito mais no sentido de guardar e preparar as crianças que ali eram deixadas, muitas vezes abandonadas, do que qualquer outro sentido. Todavia, como vem sendo mostrado pela historiografia, é impreterível o rompimento com uma perspectiva anacrônica de análise, de tal modo que as creches sejam analisadas conforme o momento, temporal e espacial, em que foram erigidas.

Frutos de seu tempo, as creches surgiram de uma necessidade provocada pelo processo de acumulação capitalista, que foi o de provimento de cuidados acerca da sobrevivência das crianças pequenas, pois, como Ruiz (2011) detalha, os pais e as mães, ao se verem ocupados com uma rotina diária de trabalho, não tinham outra alternativa, senão deixarem seus filhos aos cuidados de outras pessoas, ou aos cuidados de si próprios, isto é, torná-los autocomplacentes. Diante disso, objetivando-se manter certo equilíbrio social, algumas instituições, das quais as creches se inserem, foram pensadas e fomentadas para serem ocupadas por crianças, ao passo que as ocupavam. Portanto, se, por um lado, a

criação de creches foi revertida para interesses econômicos, permitiu, por outro, novos aspectos de desenvolvimento nas crianças e nas infâncias, enquanto categorias sócio-históricas, bem como a massificação da consciência acerca do papel ativo das mulheres, já que foram elas que encabeçaram, em hegemonia, os movimentos para a criação de tais instituições.

Não obstante, ao analisar os marcos legislativos brasileiros referentes à Educação Infantil, como Molina e Lara (2008), Alves (2011) e Marafon (2011) apresentam, percebe-se que a presença feminina, direta ou indiretamente, atravessa todo o percurso de desenvolvimento da creche, até mesmo após esta se tornar uma instituição de cunho, explicitamente, educativo. Ao destacar esta atuação das mulheres, há que se apreendê-las como uma pluralidade de sujeitos, ao mesmo tempo em que podem ser agrupadas em coletivos, de acordo com determinados critérios. Baseando-se nos autores citados nos últimos quatro parágrafos, incluindo este, o principal critério de agrupamento desses sujeitos, crianças e mulheres, foi o fator econômico, que se justifica pela perspectiva social dos estudiosos, e pelo contexto histórico em questão. Então, há uma distinção entre o tratamento dispensado às mulheres e crianças pobres e o dispensado às mulheres e crianças de famílias abastadas, no que tange ao acesso, ou à falta dele, às instituições educacionais.

Segundo Kuhlmann Júnior (2005), quando, nas creches, havia o predomínio explícito do assistencialismo, as crianças pobres, paralelamente, predominavam, como sujeitos de atendimento direto de tais. Este dado se comprova com a característica inicial de que esses estabelecimentos foram destinados à assistência de famílias trabalhadoras, que, invariavelmente, eram famílias pobres, que não tinham condições de arcarem com grandes despesas. Entretanto, aos poucos, diferentemente do que os padrões tradicionais pretendiam, as mulheres de famílias abastadas não queriam ficar e nem serem predestinadas a se limitar ao contexto do lar, sendo, o mundo do trabalho, o principal meio para a superação desta limitação. Com o uso deste novo espaço, as mulheres abastadas adentraram na luta para a existência de creches para seus filhos, quando os tinham.

À medida em que este novo segmento foi atuando nos espaços profissionais e adquirindo lugares para guarda de seus filhos, o atendimento educacional de crianças em creches ganhou legitimidade, e, aos poucos, o assistencialismo de educação compensatória às crianças pobres foi sendo substituído pelo assistencialismo educativo, o qual foi se complexificando, a tal ponto de estes empreendimentos se tornarem instituições escolares. Atualmente, como verificado nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, datados de 1998, esta máxima alcança o sentido de educar cuidando, enquanto se cuida educando, isto é, há a vigência legislativa orientadora de uma indissociabilidade entre os atos de cuidar das e de educar as crianças e as infâncias.

Relacionado a e potencializador destes acontecimentos, está o processo de modernização das sociedades, o qual, no Brasil, é marcado pela convencionada

Proclamação da República, que, por sua vez, mais do que dita, foi paulatinamente sendo construída, *a priori* e *a posteriori* da fatídica data de 15 de novembro de 1989. No que tange ao campo educacional, os autointitulados Pioneiros da Escola Nova, juntamente com o Manifesto que dedicaram, em 1932, ao povo e ao governo, são exemplos emblemáticos deste processo modernizador, pois trouxeram, ao referido país, dentre outras questões, a concepção ativa de criança, fundamentados em conhecimentos científicos filosóficos, sociológicos e psicológicos, principalmente. Arelada a esta concepção, estava a ideia de elevar as práticas educativas em processos de aprendizagem e ensino, que significa dizer que, metodologicamente, mais do que práticas de transmissão e assimilação de informações, a ação docente deveria primar-se pela aprendizagem de conhecimentos, a qual só seria possível por meio das ações do sujeito aprendiz com o seu objeto de conhecimento, mediados, quando necessário, pelo docente. Nesse sentido, a preocupação educacional, escolar, passou a ser o desenvolvimento intelectual, tanto do aprendiz, quanto da(o) docente, o que ocasionou no desenvolvimento da percepção de que as práticas alinhadas ao desenvolvimento intelectual eram práticas modernas, e, portanto, para o contexto, seriam as mais adequadas para o alcance mais pleno possível do projeto de nação que, então, estava em voga.

Seguindo este critério, as práticas das creches passaram a ser regidas pelo princípio pedagógico cognitivista, cuja mudança se deve, em grande parte, às reivindicações de diversas camadas da população, sobretudo as mais pobres, para a construção de espaços destinados não só à guarda de suas crianças, mas, também, que fossem espaços suficientes para superar as carências de tais sujeitos, ocasionadas, especialmente, pelo fator econômico.

O contexto político em que a atuação dos escolanovistas ganhou destaque, e a participação da população, mencionada no parágrafo anterior, fez-se presente, era o da Era Vargas, que se destaca pela efetiva atuação no âmbito trabalhista, que impulsionou a urbanização e a industrialização brasileira. Como já dito, com novos trabalhadores, estes passaram a requerer espaços destinados à guarda e ao cuidado de sobrevivência de seus filhos, já que o trabalho assalariado passou a ser a fonte de seu sustento. Diante dessa necessidade, para empresário e para funcionário, medidas paliativas foram tomadas, como, por exemplo, a (proposta de) criação de espaços, na própria fábrica/empresa, para este fim, desde que respeitado alguns critérios. Estes critérios, por sua vez, impactaram no papel social da mulher, a qual, mesmo trabalhando, não era desvinculada de suas ditas *tarefas naturais* do lar. Por isso, aqui, não é fortuito pensar que, neste momento, vigorava a Primeira Onda Feminista, que se marca, em suma, pela busca da instalação e efetivação da igualdade de direitos entre mulheres e homens, e, também, segundo Brasil (1997), pela perspectiva política de Vargas em conhecer e expressar a identidade nacional, a qual foi realizada com a consideração de todos os cidadãos-trabalhadores como sujeitos históricos.

Outro contexto político em que a atuação da população se fez presente, acerca

da institucionalização da educação das crianças, foi o da redemocratização do país, nos anos de 1980, após a vigência de um regime ditatorial militar. Neste segundo momento, não muito diferentemente do primeiro, porém mais intenso que esse, a população voltou a se organizar, em massa, buscando superar as lacunas carregadas desde a Era Vargas, que, no contexto educativo, refere-se à construção de espaços próprios para a guarda e sobrevivência de seus filhos, nos quais, inclusive, existissem práticas educativas específicas ao desenvolvimento motor e intelectual das crianças. Tal como aconteceu no primeiro contexto político citado, voltou-se a discutir o papel social da mulher, caracterizando a Segunda Onda do Feminismo, e, também, houve a redefinição de quem seriam os sujeitos históricos, os quais se ampliaram à totalidade dos indivíduos brasileiros, e não apenas aos trabalhadores.

Diante destes dois marcos situacionais políticos, torna-se perceptível o tanto que a atuação ativa das mulheres, enquanto coletivos econômicos, contribuiu para avanços, em termos quantitativos e qualitativos, na educação das crianças, assim como que essa educação se tornou uma problemática social, e não apenas um problema do governo. Aliás, como Ruiz (2011) e Molina (2011) frisaram, foi pela pressão social que a educação infantil passou a ser um problema do Estado, a ponto de este se tornar o gestor dela.

3 I CRECHES COMUNITÁRIAS DE UBERLÂNDIA

Na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, neste segundo recorte político apresentado, houve a construção, conforme Ferreira (2010), de várias creches comunitárias, o que, em outras palavras, significa pontuar que a construção arquitetônica das creches comunitárias é parte, fruto e reflexo da redemocratização política brasileira.

Reivindicadores, majoritariamente mulheres, exigiam, do poder público municipal uberlandense, para poderem trabalhar, espaços com condições mínimas para a guarda e sobrevivência de seus filhos. À época, na década de 1980, o candidato que mais se fez atento à essas reivindicações, Zaire Rezende, foi o vencedor das eleições para prefeito do mencionado município, surpreendendo as expectativas, já que o seu adversário era do mesmo partido do até então prefeito Vírgilo Galassi, que teve o seu governo marcado por engenhosas obras na referida cidade.

Antes da eleição, já havia, na cidade, algumas creches, as quais eram mantidas por associações de moradores do bairro e, também, por recursos provenientes de instituições religiosas, principalmente das de vertente católica. Zaire Rezende, de cunho mais socialista, acreditava que era melhor essas instituições comunitárias continuarem sob a tutela das associações de moradores, pois, para ele, era a população quem sabia das suas reais necessidades. Entretanto, sem serem municipalizadas, essas creches comunitárias passaram a receber auxílios financeiros da prefeitura, em uma quantia que, conforme Ferreira (2010) explicita, não era fixa e nem seguia um critério para distribuição.

Ao contrário do que se possa induzir a entender, articulando com todo o referencial teórico estudado sobre as creches, esses ganhos não foram simples doações do governo municipal à população; pelo contrário, foram parcos resultados de intensas lutas e mobilizações das populações de vários bairros, que, à época, eram bairros periféricos, como foi assinalado por Moura e Soares (2009). A população, diante da sua necessidade de ter-se uma entidade para acolher os seus filhos durante o período de trabalho, mobilizou-se e ergueu-a. Porém, seus recursos financeiros não eram suficientes para arcar com as despesas de funcionamento dela, e, então, pressionou o governo para assumir esta responsabilidade. Contudo, a gestão político-administrativa daquele período, que se autodenominava como participativa, acabou descentralizando as suas obrigações, diante da busca da efetivação máxima do primado da democracia participativa.

As aludidas creches comunitárias, por esta falta, historicamente construída e politicamente efetivada, de recursos financeiros, possuíam instalações físicas precárias, posto que, muitas delas, funcionavam em casas adaptadas. Essas adaptações, contudo, conforme pode ser verificado em fotos disponíveis no Arquivo Público Municipal de Uberlândia, bem como em fotografias pessoais de entrevistados, não foram suficientes para caracterizar a instituição como uma escola, se tivermos como base os modelos escolares que se difundiram pelo país na República nascente, ao passo que, concomitantemente, não permitem considerar a instituição como uma residência domiciliar. Por conseguinte, desde a sua estrutura mais externa, se retirássemos a pintura do nome da escola, os sujeitos que ali frequentam, estudando e trabalhando, e todo o seu mobiliário, o prédio se constituiria em uma incógnita para quem nunca teve o contato com ele. Por outro lado, fica evidente que o que caracteriza os estabelecimentos em questão não é a sua estrutura físico-arquitetônica, mas, sim, a sua estrutura humana, com seus corpos e suas práticas.

Como essas creches tiveram que substituir o local das atividades que aconteciam no lar, pode-se pensar que o uso de casas adaptadas foi intencional, para não promover uma intensa ruptura nos sujeitos que passariam, ali, a maior parte do seu dia. Todavia, como demonstrado pela historiografia consultada, há outros fatores, mais basilares que este, que permearam e contribuíram para esta realidade, como, por exemplo, a falta de recursos financeiros para a construção de espaços próprios para as atividades das creches. Além disso, se aquela fosse realmente a intenção de se utilizar de casas adaptadas, a mobilização reivindicatória para superação dessa falta não se justificaria em si, tornando-a inviável e importuna, já que a escolha inicial do espaço partiu da própria decisão da comunidade do bairro.

Diante dessas considerações, percebe-se que a mobilização para a construção de creches, especialmente no contexto em questão, não foi só uma luta para que os cidadãos pudessem trabalhar e garantir, conseqüentemente, o sustento e a segurança dos seus familiares; foi, sim, uma luta para que houvesse, também, espaços próprios para as crianças, nos quais elas pudessem se desenvolver de maneira semelhante ou tão maior do

que se ficassem em casa e/ou na rua. Desta forma, implicou-se, para estes novos espaços, gradativamente, a existência de atividades que estivessem para além do que as que os sujeitos aprendizes poderiam ter nos espaços que, atualmente, são denominados de não-escolares. E, assim, com essa especificação de direcionamento de público aprendiz dos espaços e das atividades a serem desenvolvidas nos mesmos, que as creches foram se especializando e escolarizando-se, ao menos em tese, como instituições, por excelência, de, para e com crianças.

Kuhlmann Júnior (2005) destaca que esta escolarização da educação infantil provocou, de uma parte, a submissão das crianças à uma disciplina escolar arbitrária, desqualificando a dimensão que mais se aproximava do doméstico, a assistencialista, relegando as práticas de cuidado, como alimentação e higiene, a uma posição bem inferior àquilo que se considerava como compromisso com o conhecimento. Essa preconização pelo conhecimento científico, em detrimento do assistencialismo, pode ser entendida, retomando Ruiz (2011), como uma tentativa de romper com todos os pontos negativos das creches, estabelecendo, portanto, uma polarização entre práticas escolares e práticas assistencialistas. Assim, o processo de escolarização da educação infantil reflete o espírito moderno do sentimento de infância, pois, com base no estudo de Ariès (1981) e de Narodowski (2001), a ideia de *ser aluno* não é consequência do *ser criança*, mas, sim, é parte determinante da construção desta infância, na medida em que a escola se tornou o espaço privilegiado para a aprendizagem do que é e como ser criança.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se reflete sobre este sentimento de infância, considerando a infância e a criança como um construto sociocultural e histórico, associando com a efetiva e decisiva participação popular na construção e no mantimento das creches comunitárias de Uberlândia, percebe-se que essa (re)significação da criança é produtora e fruto da modernização do país e da democracia participativa.

A população, como participe desta institucionalização da educação infantil, e da investigação realizada sobre as creches comunitárias, evidencia o quanto que a composição social influenciou e influencia na construção histórico-escolar, e vice-versa, caracterizando-a, conseqüentemente, como sujeito na História da Educação. No percurso histórico dessas instituições escolares, a recorrência por se reforçar o nome do bairro na mesma é um destaque que se torna compreensível e justificável, se a analisarmos diante do quadro municipal e nacional. A luta política travada pelas mães, especialmente, e pela comunidade, em nome da(s) associação(ões) do bairro, em busca da existência e da permanência de uma instituição específica para as crianças, de modo a não ser somente um lugar de guarda dos seus filhos, mas um local que propiciasse o seu desenvolvimento tão ou mais semelhante do que o que se teria em seu lar, bem como por outras creches

comunitárias uberlandenses sucumbirem-se no descaso do poder público municipal e da própria comunidade, indica que a referência ao nome do bairro expressa a quem cada instituição pertence, inserindo-a em um patamar de prestígio e de diferenciação das áreas urbanas de Uberlândia.

A ideia de Campos (2009), de que conhecer História é conhecer a si mesmo, parece alcançar a sua máxima no contexto, aqui analisado, das creches comunitárias, uma vez que as histórias dessas evidenciam o quanto que a participação popular contribuiu para a perspectiva educativa escolar que vigora, no município e no país, na Educação Infantil. Essas histórias, por conta do caráter que possuem, apesar de não se materializarem em algum documento, seja qual for a natureza, indicam que as práticas deste contexto educativo devem ser comprometidas com o contexto das crianças, da instituição, do bairro, da cidade e da nação em que ela está inserida e dos quais ela faz parte, isto é, devem ser práticas cunhadas de uma perspectiva cosmopolita.

Dito desta maneira, se a modernização da sociedade possui, como uma de suas características, o tratamento centralizado nas crianças, bem como o envolvimento da população na maioria das decisões sociais, dotando-a de uma responsabilidade política, é possível de afirmar-se que as creches comunitárias de Uberlândia são uma marca de tal modernização. E, em grande parte, é pela população que os limites dessa modernização poderão ser analisados, bem como o porquê que as instituições educativas de, para e com a infância continuam a existir.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, R. D.; MAHI, M. L. **História da Educação III**. Coleção Pedagogia a Distância UFU/UAB. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2009. 142 p.

FARIAS, M. Infância e educação no Brasil nascente. In: VASCONCELLOS, V. M. R. (Org.). **Educação da infância: história e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 33-49.

ALVES, B. M. F. Infâncias e educação infantil: aspectos históricos, legais e pedagógicos. **Revista Aleph – Infâncias**, ano V, n. 16, nov. 2011. 19 p.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

FERREIRA, V. S. **Creches comunitárias e Democracia Participativa: novas perspectivas à infância uberlandense (1983-1988)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

KUHLMANN JÚNIOR, M. A Educação Infantil no Século XX. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (orgs.). **História e memórias da Educação no Brasil**. v. 3. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 182-194.

MARAFON, D. Educação Infantil no Brasil: um percurso histórico entre as ideias e as políticas públicas para a infância. **HISTEDBR**. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/ZjxYEbbk.doc. Acesso em: 02 fev. 2021. 22 p.

MOLINA, A. A.; LARA, A. M. B. Infância e políticas educacionais no Brasil na década de 1990. **EDUCERE**. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/142_63.pdf. Acesso em: 02 fev. 2021. p. 3981-3995.

MOURA, G. G.; SOARES, B. R. A periferia de Uberlândia/MG: da sua origem até a sua expansão nos anos 1990. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 10, n. 32, p. 22-40, 2009.

NARODOWSKI, M. **Um corpo para a instituição escolar** – Infância e poder, conformação da pedagogia moderna. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

OLIVEIRA, Z. R. A educação infantil europeia no século XX. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. p. 73-87.

RUIZ, J. S. O surgimento da creche: uma construção social e histórica. **Anais do V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo** – Marxismo, Educação e Emancipação Humana. Florianópolis, 2011. 12p. Trabalho apresentado no V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo – Marxismo, Educação e Emancipação Humana.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Africanidades 9, 62, 292, 294

Arte 6, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 21, 22, 36, 62, 66, 67, 73, 76, 77, 80, 82, 83, 84, 85, 88, 90, 94, 110, 116, 128, 136, 156, 157, 166, 170, 175, 180, 210, 213, 252, 273, 274, 279, 287, 288, 289, 290, 291, 293

Arte Barroca 13

Arte Sacra 12, 13, 16, 17, 18, 22

B

Bens Culturais 86, 123, 155, 156, 159, 162, 165, 166

C

Catolicismo 12, 13, 14, 18, 22, 47, 54, 207

Cidade 15, 16, 17, 18, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 88, 98, 101, 105, 115, 117, 118, 119, 120, 125, 127, 128, 142, 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 159, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 176, 180, 181, 182, 186, 189, 202, 211, 212, 227, 228, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 253, 254, 255

Coleção 7, 36, 62, 78, 162, 168, 170, 172, 181, 189

Comunidade Quilombola 250, 251, 252, 253, 255, 256

Construção Social 6, 1, 7, 9, 10, 66, 177, 190

Conto 7, 70, 103, 105, 108, 109, 112, 115

Corpo 5, 8, 3, 4, 5, 9, 10, 16, 25, 32, 47, 63, 100, 106, 109, 110, 125, 150, 179, 190, 197, 210, 235, 236, 237, 258, 260, 263, 269, 271, 284, 288, 294

Cotidiano 13, 59, 65, 76, 80, 82, 92, 99, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 157, 166, 196, 198, 199, 255, 261, 264, 267, 287

Cultura 2, 5, 9, 9, 12, 13, 14, 16, 19, 22, 23, 24, 29, 36, 44, 47, 62, 63, 65, 66, 80, 82, 85, 88, 91, 106, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 127, 128, 129, 140, 146, 147, 148, 154, 156, 157, 159, 160, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 179, 193, 200, 201, 206, 208, 210, 212, 213, 214, 224, 225, 235, 236, 238, 240, 247, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 261, 263, 273, 280, 281, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 290, 292, 293, 294, 295

Cultura Brasileira 24, 80, 85

Cultura Popular 208, 212

D

Democracia 182, 183, 187, 188, 189, 201, 204, 221, 293

Desenvolvimento 5, 6, 7, 8, 9, 24, 29, 50, 54, 65, 70, 84, 117, 121, 122, 123, 127, 131, 138, 139, 140, 142, 147, 149, 151, 152, 155, 157, 159, 160, 161, 165, 167, 171, 174, 183, 184,

185, 186, 188, 224, 226, 227, 228, 230, 237, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 251, 259, 260, 261, 270, 271, 280, 290, 296

E

Educação 6, 12, 21, 22, 44, 46, 47, 48, 56, 61, 62, 141, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 182, 183, 184, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 198, 201, 202, 203, 205, 222, 223, 224, 225, 229, 247, 250, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 267, 268, 269, 270, 271, 279, 290, 292, 293, 294, 295, 296

Ensino 5, 5, 50, 54, 86, 107, 163, 164, 165, 166, 167, 182, 185, 191, 192, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 225, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 269, 270, 292, 293, 294, 295, 296

Espaço 8, 5, 25, 27, 34, 35, 45, 46, 51, 55, 56, 57, 66, 67, 74, 75, 84, 87, 88, 95, 100, 103, 104, 109, 110, 111, 112, 115, 119, 129, 130, 133, 135, 136, 139, 140, 146, 154, 156, 160, 161, 163, 166, 170, 173, 174, 176, 178, 184, 187, 188, 192, 199, 202, 208, 209, 210, 212, 214, 226, 228, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 263, 264, 271, 272, 274, 288, 289, 290, 293, 294, 295

Esquecimento 1, 2, 3, 5, 8, 9, 10, 11, 49, 67, 170, 178, 179, 212

Extensão Universitária 9, 261, 271, 272

F

Formação Docente 8, 9, 191, 192, 196, 197, 201, 203, 258, 260, 261, 264, 265, 269, 270, 271

Formação Social 7, 8, 11

H

História 6, 2, 4, 5, 6, 11, 20, 21, 22, 24, 25, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 81, 83, 85, 90, 91, 94, 95, 101, 102, 104, 107, 123, 126, 128, 131, 141, 142, 154, 167, 171, 172, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 193, 198, 201, 203, 204, 213, 214, 235, 237, 240, 241, 244, 247, 250, 252, 255, 256, 257, 282, 283, 284, 292, 293, 294, 295, 296

História Oral 6, 39, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 76, 77, 78, 235, 237, 240, 250, 252, 257, 296

Historiografia 47, 62, 68, 76, 105, 167, 182, 183, 187, 214, 251

I

Iconografia 15, 16, 21

Identidade 5, 7, 17, 52, 62, 69, 78, 106, 116, 142, 147, 156, 157, 159, 180, 185, 201, 202, 204, 208, 210, 223, 247, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 276

Indígenas 19, 41, 110, 132, 164, 203, 242, 243, 246, 247, 248

Integração 8, 123, 124, 125, 209, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 234, 250, 272, 274, 275, 286, 287, 288, 289, 290

L

Lembranças 2, 3, 4, 8, 10, 39, 40, 48, 63, 64, 67, 70, 94, 98, 172, 175, 178, 180

M

Mediação 1, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 161, 178, 203

Memória 2, 5, 6, 1, 2, 3, 4, 5, 10, 11, 36, 48, 49, 63, 77, 78, 180, 181, 296

Memória Coletiva 4, 11, 77

Memória Histórica 4

Memória social 3, 4, 10, 11, 76, 241

Mercado de trabalho 8, 216, 217, 218, 225, 226, 227, 228, 229, 230

Metalinguagem 7, 92, 93

Modernidade 27, 36, 37, 62, 118, 119, 122, 123, 136, 138, 139, 156, 194, 195, 196, 198, 204, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 257

Movimento Decolonial 8, 191, 192, 193, 196, 197, 200, 201

Musealidade 7, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 177, 178, 179

Museu 7, 77, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 180, 181, 296

N

Natureza 5, 6, 7, 8, 9, 16, 38, 44, 46, 68, 94, 95, 132, 137, 149, 152, 159, 179, 189, 193, 197, 200, 201, 203, 220, 221, 244, 245, 251, 279, 281, 282, 284, 285

O

Ócio 7, 129, 130, 131, 138, 139, 140, 141, 149

Oralidade 38, 39, 40, 64, 67, 68, 252

P

Paisagem Cultural 8, 235, 236, 237, 238, 239, 240

Pedagogia 9, 10, 12, 62, 133, 141, 157, 180, 189, 190, 192, 194, 196, 198, 204, 205, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 269, 270, 271

Perspectiva Histórico-Cultural 6, 1, 5, 6, 9, 10

Poesia 9, 2, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 272, 273, 274, 275, 276, 279, 280, 293

Preservação 5, 8, 64, 65, 123, 158, 160, 163, 168, 169, 172, 173, 177, 201, 206, 207, 208, 213, 214, 240, 247, 248, 293, 294

R

Refugiados 8, 137, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234

Representação 13, 16, 17, 20, 27, 54, 100, 170, 173, 174, 175, 178, 293

Resistência 8, 82, 83, 84, 90, 103, 104, 121, 140, 165, 176, 193, 194, 195, 196, 200, 204, 206, 207, 209, 210, 212, 213, 244, 247, 250, 251, 294

S

Sexualidade 9, 193, 246, 258, 259, 260, 263, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 296

Sincretismo 6, 12, 14, 18, 22, 209

Sociedade 2, 5, 7, 3, 4, 5, 7, 9, 13, 14, 20, 23, 24, 25, 28, 33, 36, 38, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 62, 65, 76, 86, 88, 98, 107, 108, 112, 114, 122, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 146, 147, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 179, 180, 182, 183, 189, 192, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 203, 208, 209, 213, 214, 216, 217, 222, 223, 224, 226, 228, 229, 230, 242, 243, 245, 246, 247, 261, 262, 263, 264, 266, 268, 269, 270, 271, 274, 280, 288, 293

T

Território 51, 61, 96, 101, 110, 123, 165, 200, 203, 236, 240, 250, 252, 256

Tradição 7, 8, 17, 18, 64, 67, 68, 142, 207, 213, 238, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 280



www.arenaeditora.com.br 

contato@arenaeditora.com.br 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

www.facebook.com/arenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade

**Atena**
Editora

Ano 2021

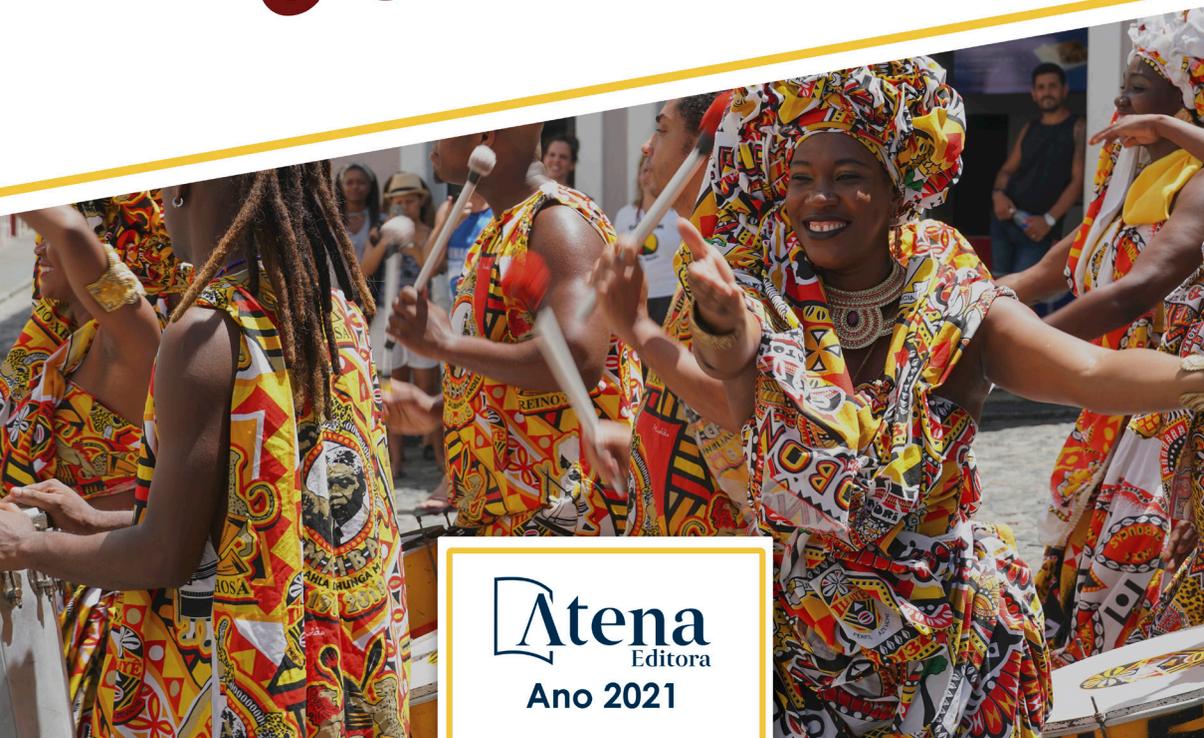
www.arenaeditora.com.br 

contato@arenaeditora.com.br 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

www.facebook.com/arenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade



Atena
Editora
Ano 2021